

# DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO VI Nº 75/81  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

poemas  
crônicas  
contos  
artigos  
ensaios  
críticas

entrevista/ margarida patriota  
**Caçadora de  
palavras**

BRASÍLIA DAS  
ARTES PLÁSTICAS

# Língua Hílare Língua

*Para analisar um personagem-narrador construído fundamentalmente por uma verbalização insólita e engraçada (o coronel Ponciano, de José Cândido de Carvalho), Afonso Camboim, mestre em Teoria Literária pela Universidade de Brasília, revisita e reconstrói elementos de uma teoria do cômico na literatura, investigando a combinação de componentes lingüísticos tecnicamente empregados em função do riso. A obra, que, conforme a apresentação de Lígia Cademartori, "associa seriedade e humor, leveza e profundidade", é vencedora do prêmio Bolsa Brasília de Produção Literária/98, da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, e foi editada e lançada por essa secretaria em abril de 2000.*

## □ AFONSO CAMBOIM

### 1. Por quê?

Certa vez me perguntaram por que resolvi escrever sobre o riso, fazer um ensaio sobre algo tão natural e espontâneo: "Você quer explicar o riso? - Perde a graça." Não, não perde. E quem vai explicá-lo? Eu queria ter a graça de explicar, mas o que é essencial, como a vida, o amor, não tem explicação. Acho que fiz o ensaio porque gosto de encarar o desafio de pensar sobre o que normalmente se faz sem pensar.

### 2. O coronel

Na arte em geral, grandes artistas se notabilizam pela habilidade em fazer rir com palavras. Na arte literária, particularmente, inúmeros personagens têm no riso que despertam sua principal razão de ser. Este é o caso do coronel Ponciano de Azeredo Furtado, de *O coronel e o lobisomem*, obra de José Cândido de Carvalho que, embora não tão propalada e



**LÍNGUA HÍLARE LÍNGUA,**  
de José Afonso de Sousa Camboim  
- Bárbara Bela Editora/Gráfica,  
176 páginas. Preço: R\$ 20,00. À  
venda na Livraria do Chico, UnB -  
ICC - Ala Norte, na Livraria da  
Editora Universidade de Brasília,  
na Siciliano ou com o autor,  
tel.: 61 345-1997.



festejada, encontra-se (esta é minha opinião) em grau de importância equivalente ao de *Grande sertão, veredas*, de Guimarães Rosa, *Macunaíma*, de Mário de Andrade e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, por exemplo. E foi fazendo uma análise literária do Coronel, da sua língua inventiva, neologísmica, que eu entrei para o grupinho dos teóricos do riso e do cômico.

### 3. Estrutura

*Língua hilare língua é*

composto de dois grandes capítulos. No primeiro, "Do riso e da teoria do cômico", investigo as origens do riso, traço paralelos entre o riso e algumas dimensões do sério (sua contraparte) da realidade, além de situá-lo na linguagem verbal e nas dimensões da arte e da literatura. No segundo, "A verbalização cômica em *O coronel e o lobisomem*", faço uma 'dissecação' do discurso do coronel Ponciano, sobretudo quanto ao que ele oferece de risível. Ao longo dos capítulos, procuro situar a obra de José Cândido no gênero do discurso cômico e demonstrar o conceito criado por mim de "opacificação cômica da língua", evidenciando a ocorrência da aplicação dessa opacificação, como técnica humorística, no discurso do coronel.

### 4. Deixas

Um fenômeno como o riso, embora aparentemente simples, não se pode ter a pretensão de tratá-lo em todas as suas dimensões, de exauri-lo, em um ensaio. Entre os aspectos importantes que deliberadamente toquei apenas de leve, encontram-se as possibilidades semióticas do riso.

Desenvolver esse tema implicaria não só alargar a abordagem da área das linguagens, incluindo linguagens não-verbais e não-artísticas, mas



sobretudo incluir no estudo outras áreas da ciência, como a antropologia ou a fisiologia humana, além das já envolvidas: literatura, lingüística, filosofia, psicologia etc.

O parágrafo transcrito abaixo introduziria minhas idéias sobre esse viés praticamente inexplorado na análise do riso.

*Vimos citando o riso como uma possível categoria semiótica. A decodificação do ato de rir seria mais um desses elementos complexos no estudo do riso, aí necessariamente tomado como um componente de linguagem, como uma espécie de signo. É que a variedade de significações expressas pelo riso é imensa. Não só em suas mudanças de intensidade – do sorriso à gargalhada – de duração, de combinação com outros elementos da face ou do corpo, de sonoridade, mas sobretudo nas suas contextualizações, nas variações ambientais e interlocucionais, o riso pode expressar significações de muitos matizes, muito além das significações que convencionalmente se lhe atribuem. O rir de, o rir para, o rir perante, o rir com relação a etc. podem constituir risos essencialmente diferentes.*

### 5. Riso e arte

Outros aspectos do riso, embora apenas propedêuticos, demandaram uma abordagem mais que *en passant*. Uma resposta à pergunta "Como se situa o riso na arte?", por exemplo, tornou-se inalienável, não suprimível. Essa resposta, em síntese, encontra-se nos parágrafos seguintes do item 3.1: *O riso na arte e na realidade*:

*Os eventos da arte, assim como os eventos da realidade, têm a propriedade de produzir*

*virtualmente sentimentos e emoções nos seres humanos. Nem todos os sentimentos e emoções, entretanto, produzem no corpo efeitos visíveis ou evidentes, embora muitos desses efeitos sejam amplamente registrados e conhecidos, como é o caso das mudanças de temperatura do corpo; da produção de suores, inclusive frios; do enrubescimento; das alterações da pulsação ou dos batimentos cardíacos; do "aperto no coração"; do "nó na garganta"; do "frio na barriga" ou na coluna vertebral; dos arrepios; do enrijecimento muscular; do aperto no esfíncter; da secura na boca; da vertigem; e de outras tantas pequenas ou grandes sensações nos dentes, na planta dos pés, no bico do peito, no osso esterno, nas unhas, etc. Todos esses fenômenos ocorrem quase que imperceptivelmente, pelo menos para quem se situa do lado de fora deles, na posição de eventual espectador, e por isso podem ser desprezados como sinais do que quer que seja (medo, raiva, ansiedade, vergonha, alegria, etc. (...)).*

*O dado da realidade que mais costumeiramente produz o riso é o engraçado, assim como o*

dado da arte que mais costumeiramente produz o riso é o cômico, de tal forma que, grosso modo, pode-se afirmar que o cômico constitui o engraçado inserido na arte. Há, assim, uma significativa diferença entre o cômico e o engraçado, não quanto à propriedade de produzirem o riso, mas quanto ao seu modo de ser e de nascer, e quanto às suas implicações.

O engraçado, assim entendido, resulta de uma gama de fatos e de situações mais ou menos acidentais, vale dizer, não elaboradas ou não veiculadas como arte ou por meio artístico,

e detém poucas chances de se perpetuar e de ser visto por multidões, de atingir ao público, mesmo quando incorpora grande potencial detonador do riso. O engraçado surge e ressurgue, aqui e ali, produzindo o riso avulso e podendo fortuitamente ser contado ou mostrado mais adiante, gerando novos risos.

Já o cômico é uma categoria que necessariamente origina-se de uma intenção, de uma manipulação técnica de elementos que podem fazer rir e que são colocados numa determinada obra com um

propósito consciente e sob a presunção de que são eficientes para satisfazer àquele propósito. O cômico, portanto, se predispõe automaticamente a responder a um juízo, seja enquanto cômico, simplesmente – vale dizer, enquanto artifício concebido inteligente e eficazmente de modo a suscitar o riso –, seja enquanto instrumento suscetível de se posicionar favorável ou contrariamente a determinada ideologia ou crença, ou suscetível de negar ou afirmar determinados valores morais. (*Língua hilare língua*, pp. 47, 48 e 49)

## C O N C L U S Õ E S

Identificar os grandes fatores que se associam para potencializar em uma obra de arte o caráter cômico requer, como já vimos, um suporte multidisciplinar. Um pouco de filosofia aqui, um pouco de psicologia ali... Quando a obra de arte é literária, é construída por meio desse emprego artístico do signo verbal, a abordagem do cômico implica também, obviamente, o suporte das disciplinas que estudam a palavra, dos diversos ramos da semiologia, da lingüística, da teoria da literatura.

Uma gama de elementos menores, muitos dos quais já definidos ou taxionomizados pela estilística, como os trocadilhos, concorrem freqüentemente para o efeito cômico e são quase sempre ligados à ironia cômica. Outros elementos, como os neologismos, embora ligados a fenômenos não tradicionalmente cômicos, vez por outra também valem como recursos cômicos – e isso é facilmente demonstrável.

Em *Língua hilare língua*, pretendemos lidar com aqueles “grandes fatores” do cômico, com as estruturas que concorrem para tornar cômica uma obra literária. Assim é que, com Bakhtin, identificamos o gênero do discurso como um desses fatores e que, a partir dos conceitos de “função estética da língua” e de “denominação poética”, formulados por Jan Mukarovsky em *Estética e semiótica da arte*, introduzimos a noção de “função humorística da língua” e criamos o conceito de “opacificação cômica da língua”, atribuindo-lhes esse caráter de estruturadores teóricos do cômico verbal.

O conceito de “opacificação cômica da língua”, que considero minha principal contribuição à teoria do cômico, curiosamente nasce a partir da teoria da linguagem poética, da idéia de “opacidade” dos signos

poéticos, entendida essa opacidade como transgressões, deliberadas e significativas, às regras dos códigos lingüísticos.

Dito em rápidas palavras, a opacificação cômica é a transgressão às normas da língua, cometida para causar o riso.

Aponte, assim, uma vizinhança entre poesia e humorismo: aquelas “travessuras” que os poetas fazem com a língua, os humoristas (ou romancistas como José Cândido de Carvalho) as fazem similarmente. Aqueles, no entanto, buscam exprimir primacialmente a graça do espírito e estes, o espírito (humor) e a graça; aqueles buscam gerar no leitor primacialmente o êxtase estético e estes, a gargalhada. Duas espécies de fruição, de prazer: uma tradicionalmente bendita e outra tradicionalmente maldita. Ambas, porém, humanas e ... (se quiser saber por que leia o livro) divinas – hoje podemos dizê-lo.

Sugeri, enfim, que o humorista, sobretudo o que faz humor com palavras, no seu ofício de reverter perspectivas – porque o humor é fundamentalmente a modalidade de pensar especializada em ver/mostrar o outro lado – é o parceiro gaiato do poeta... e do sábio.

Minha obra é essa aí, que, circunstancialmente, teve o privilégio de, antes de vir a público, passar pelo crivo e a aprovação de duas douradas comissões: uma examinadora (a banca do mestrado da UnB que apreciou o texto ainda na forma de dissertação) e outra seletiva (a comissão julgadora do concurso Bolsa Brasília de Produção Literária). Resta esperar agora que o público, que tem o mais sábio e o mais definitivo dos julgamentos, também a aprove.

